

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**CLARISSA DALLOWAY E CLARISSA VAUGHAN: A BUSCA PELA  
AUTONOMIA**

DISCENTE: Tainá Dias de Castro

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup> Natália Fontes de Oliveira

Relatório Final de Iniciação Científica  
apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso,  
atendendo as exigências da disciplina CIS454  
Trabalho de Conclusão de Curso II.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
AGOSTO 2019/2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**CLARISSA DALLOWAY E CLARISSA VAUGHAN: A BUSCA PELA  
AUTONOMIA**

BOLSISTA: Tainá Dias de Castro

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup> Natália Fontes de Oliveira

Relatório Final, referente ao período de agosto/2019 a setembro/2020, apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do PIBIC/UFV.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
AGOSTO 2019/2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**RESUMO**

**CLARISSA DALLOWAY E CLARISSA VAUGHAN: A BUSCA PELA AUTONOMIA**

Esta pesquisa analisa as obras *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf e *As Horas* de Michael Cunningham, visando o estudo da autonomia nas personagens Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan, para investigar como estas protagonistas moldam suas subjetividades através de uma análise do contexto sócio histórico e cultural de cada uma. Entendendo que o tempo é um personagem marcantes na trajetória das personagens, é necessário compreender como este age na vida destas mulheres, identificando suas relações com espaços público e privados, discriminando o lugar da moralidade em suas vidas e como a sexualidade é um traço fundamental nas suas identidades, visto que há uma convergência entre ambas personagens, tendo em vista que o livro *As Horas* tem como cenário a obra *Mrs Dalloway*. Como metodologia para este estudo utilizamos um arcabouço teórico pautado no estudo da crítica literária feminista e estudos de gênero, bem como os estudos de literatura comparada e literatura de expressão inglesa de obras literárias de diferentes épocas e com características semelhantes, assim como os objetos de estudo desta pesquisa. Assim, pretende-se realizar, para além de uma comparação entre as ambas personagens, uma análise de contexto e como estes possuem influência sobre as personagens, principalmente no que diz respeito a autonomia feminina e como as conquistas obtidas por ambas personagens são diretamente ligadas as suas escolhas e delineamentos da vida.

**Palavras-chave:** Michael Cunningham; Virgínia Woolf; As Horas; Mrs Dalloway; Autonomia feminina; Subjetividades.

Data: 27/08/2020

*Tainá Dias de Castro*

---

Natália Fontes de Oliveira

---

Tainá Dias de Castro

## SUMÁRIO

Resumo.....	01
1. Introdução.....	03
2. Revisão de Literatura.....	04
3. Objetivos.....	06
4. Materiais e Métodos.....	07
5. Discussão e Resultados.....	07
6. Conclusão.....	16
7. Referências Bibliográficas.....	18

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura por muitos anos tem sido fonte de prazer e crítica a determinados assuntos, contextos e sociedades, refletindo realidades de diversas épocas e grupos sociais. Desse modo, não é diferente com os autores Virgínia Woolf e Michael Cunningham, escritores das obras *Mrs. Dalloway* (1925) e *As Horas* (1998), respectivamente. A primeira, uma autora britânica, do início do século XX, uma das figuras mais importantes do modernismo, que ficou mundialmente conhecida por seus romances de fluxo de pensamento; o segundo, por sua vez, é um autor vencedor do prêmio Pulitzer, norte americano, que se destaca no final do século XX ao escrever um romance inspirado na obra mais famosa da primeira autora mencionada. No romance *Mrs. Dalloway* de Woolf, uma das personagens principais, Clarissa Dalloway, possui uma necessidade de ser o centro de todos os meios pelo qual circula, assim sendo, realiza ações que muitas vezes não são condizentes com o que esta personagem desejaria realizar; da mesma forma em sua obra *As Horas*, Cunningham nos apresenta a personagem Clarissa Vaughan, a qual põe em prática muitas das ações que a personagem de Woolf não o fez devido aos contextos sociais de sua época. No livro *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, é apresentado um cenário pós Primeira Guerra Mundial, na qual uma mulher, Clarissa Dalloway, que pertence à classe média alta londrina, questiona suas escolhas ao longo dos anos, trazendo assim a dúvida se tudo o que realizou durante a vida foi porque ela realmente desejou ou foi apenas para agradar uma figura masculina que era colocada a sua frente, como seu pai ou seu marido. A obra de Michael Cunningham, *As Horas*, se dá como uma reescrita da obra de Woolf e nos apresenta Clarissa Vaughan, uma personagem que pode ser vista como uma atualização da personagem Clarissa Dalloway da obra da escritora Virginia Woolf. Contudo, a personagem de Cunningham se vê presa nas mesmas questões expostas na personagem dos anos 1920.

Assim, essa pesquisa traz um novo olhar, ao alinhar a obra da consagrada Virginia Woolf e a famosa obra de Michael Cunningham, para analisar a busca pela autonomia de cada protagonista, comparando e contrastando ambas as obras. Apesar dessa diferença de mais de cinquenta anos entre a escrita e a publicação de cada obra, observa-se que mesmo com várias conquistas das mulheres, como o direito ao voto e maior abertura para atuar no mercado de trabalho, ambas protagonistas continuam sendo marginalizadas em uma ordem social patriarcal vigente, o que as impedem de realizar todas as ações que desejam. Nesta pesquisa buscou-se analisar as obras *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e *As Horas* de Michael Cunningham para investigar como as protagonistas Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan moldam suas

subjetividades, buscando exercer uma maior autonomia em cada contexto sócio, histórico e cultural.

Mesmo com a intertextualidade presente entre essas obras, a literatura de autoria feminina é comumente estudada separada ou em oposição à literatura produzida por homens. Durante a luta para a emancipação feminina, a falta de estudos críticos sobre a literatura escrita por mulheres, criou-se a necessidade de resgatar a importância das escritoras e concentrar análises em produções estritamente femininas. Tal postura, foi extremamente importante para a conquista de espaço das mulheres, tanto escritoras quanto crítica literárias. Na contemporaneidade, torna-se possível uma aproximação na investigação literária de obras produzidas por mulheres e homens, desde que ocorra uma problematização dos diversos aspectos que influenciam na construção de cada obra, especialmente apontando para questões de gênero.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Em *Um Teto Todo Seu* (2014), Virginia Woolf discorre como que ao longo da história ocidental, a sociedade patriarcal construiu barreiras para limitar a produção literária de autoria feminina e incentivou uma preconceituosa recepção crítica de obras escritas por mulheres. Assim, a crítica literária feminista enfatiza a importância de resgatar, estudar e consagrar a literatura de autoria feminina. No entanto, a tentativa de construir uma tradição literária feminina, obras foram classificadas sob um mesmo prisma e diversas obras de autoria feminina foram excluídas. Essa visão romântica, em agrupar todas obras de autoria feminina sob os mesmos termos, perpetua outros preconceitos. Dessa forma, esta pesquisa questiona os estereótipos comumente associados à literatura mulheres, partindo do pressuposto que problematizando questões de gênero, é possível estabelecer uma corrente na crítica literária que compara e contrasta obras produzidas por mulheres e homens. Especificamente nesse caso, a obra *As Horas* de Michael Cunningham faz várias referências à obra *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, inclusive usando o mesmo nome para a protagonista: Clarissa. Concentra-se nas construções das protagonistas Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan para investigar como a questão da autônoma no cotidiano de suas vidas perpassa suas subjetividades. Tereza De Lauretis, em complemento a este questionamento sobre a escrita de homens e mulheres, expõe como as tecnologias de gênero determinam o lugar da mulher em diversas áreas, uma delas é a literatura. Esta abordagem questiona o conceito de gênero como diferença sexual, pois, de acordo com a autora, isto acaba por tornar-se uma limitação, como uma deficiência, do

pensamento feminista, uma vez que este fica reduzido. Desta maneira a autora argumenta que apenas negando a diferença sexual como componentes da subjetividade em mulheres reais é que os filósofos podem ver nas mulheres o futuro da humanidade. A idealização criada em cima das personagens analisadas explicita como o embate sobre o que é uma mulher moldada de acordo com as regras e o que é uma mulher real, a qual apresenta questionamentos e vontades sociais vigentes da época.

Analisando a maternidade como uma escolha da mulher Elizabeth Badinter tem como principal objetivo a desconstrução da ideia de que a maternidade é um algo inerente na vida da mulher, para isto ela utiliza diversos discursos do movimento feminista bem como diversos dados estatísticos, obtidos em pesquisas realizadas em revistas como a *France Magazine* e *Cosmopolitan*, para embasar seu argumento principal, concluindo, assim, que o amor materno não é inerente às mulheres, mas sim adicional ou condicionado ao papel social. Este argumento serve como base para a relação difícil que ambas Clarissas têm com suas filhas (Elizabeth e Julia) por serem mães apenas para cumprir uma norma da sociedade, uma vez que Mrs Dalloway representa este papel para que sua família siga as normas tradicionais da sociedade londrina e Mrs Vaughan o faz antes de assumir sua sexualidade como forma negar sua verdadeira orientação sexual.

Flávia Biroli pesquisa especificamente a questão da autonomia da mulher pautada em seus contextos sócio históricos, trazendo assuntos relacionados a discussão entre indivíduo e como este é definido pela sociedade, além de trazer uma definição de autonomia baseada na razão e sua relação com a mulher. Tendo em vista que a razão é um dos elementos chave na busca pela autonomia, é importante considerar a consciência das personagens Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan com relação às suas escolhas e subjetividades. A autonomia feminina pode ser vislumbrada em diversos aspectos da vida da mulher, tais como: compromissos sociais, comportamento em espaços públicos e privados, a moralidade, a escolha pela fala ou pelo silêncio e a sexualidade. Uma intertextualidade que desperta a curiosidade ao comparar e contrastar *Mrs. Dalloway* e *AS Horas* é questão do tempo nas narrativas. Pode-se perceber que o tempo cronológico age nas personagens de forma semelhante mesmo estas se encontrando em períodos históricos diferentes. Ambos romances se dão em dia, permeado por flashbacks e indagações sobre o passado e o futuro. A pesquisadora Andiará Petterle nos ajuda a compreender a questão do tempo em ambas as obras, uma vez que estuda como o tempo é um recurso linguístico e literário na construção das subjetividades das protagonistas.

Para enriquecer a discussão literária, dialogamos com as ponderações da Maria da Silva Duarte, que analisando a intertextualidade das obras *Mrs. Dalloway* e *As Horas*, defende que

ao adaptar a sua obra a mundividência contemporânea, Cunningham propõe multifacetadas sobre as personagens, locais, contextos e ações em relação ao romance woolfiano. A intertextualidade como recuso comparativo é de relevante para a análise dos aspectos técnicos da escrita de ambos romances bem como características de ambas as histórias. Vale considerar que esta intertextualidade não se reduz à mera equivalência entre as obras, uma vez que essa pesquisa investiga as peculiaridades de cada obra e da trajetória das protagonistas Clarrisa Dalloway e Clarissa Vaughan em suas lutas para moldar suas próprias subjetividades com uma maior autonomia. Continuando na mesma linha de análise comparativa, Carlos Silva, compara a adaptação fílmica da obra *As Horas* de Michael Cunningham com a obra *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf. De acordo com o autor, ambos os romances apresentam características cinematográficas, uma vez que são apresentados por cenas e não capítulos, como é o usual. Tal ponderação, pode ser interessante ao analisar a intertextualidade de obras em questão. Silva considera que as personagens mudam suas escolhas de acordo com a aceitação ou não daqueles de seu convívio social, o que ajudou nas análises comparativas dessa pesquisa ao se pensar nas peculiaridades de cada protagonista ao buscar criar sua própria subjetividade com a luta por uma maior autonomia em cada contexto sócio, histórico e cultural.

Somando a discussão literária, especialmente a análise de discurso, Beth Braith faz uma análise de como são construídas as personagens. No caso desta pesquisa esta análise é essencial pois são romances de contextos distintos, mas que podem ser lidas como uma atualização entre si, uma vez que além do nome em comum as ações de Mrs Vaughan são as que Mrs Dalloway não pode realizar em virtude da sociedade na qual se encontrava, entretanto, Clarissa Vaughan também se via presa a convenções impostas em virtude de sua sexualidade e posição no mercado de trabalho e sociedade.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar as obras *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e *The Hours* de Michael Cunningham para investigar como as protagonistas Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan moldam suas subjetividades, buscando exercer uma maior autonomia em cada contexto sócio, histórico e cultural.

#### **3.2 Objetivos Específicos**



- Reconhecer as diferenças sócio históricas culturais da publicação das obras *Mrs. Dalloway* (1925) e *The Hours* (1998).
- Entender o papel do tempo na vida das personagens Mrs. Dalloway e Mrs. Vaughan.
- Identificar como as protagonistas lidam com espaço público e privado.
- Discriminar o lugar da moralidade na conduta das protagonistas.
- Observar como cada protagonista lida com a dicotomia entre comunicação e privacidade.
- Interpretar como a sexualidade está relacionada à identidade das protagonistas.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa utiliza as obras *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e *As Horas* de Michael Cunningham para investigar como as protagonistas Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan moldam suas subjetividades, buscando exercer uma maior autonomia em cada contexto sócio, histórico e cultural.

Para tal, as obras de Woolf e Cunningham foram analisadas à luz dos estudos críticos da literatura comparada, da crítica literária feminista e estudos de gênero. Especificamente, procurou-se entender como teorias e discursos podem ser interlaçados para produzir um arcabouço analítico. O processo de análise é fundamentado na premissa de que ambas escritas transgridem barreiras de gênero, uma vez que a uma esfera de sentimentos, como de empatia ou fluxo de consciência está presente em *Mrs. Dalloway* e *As Horas*. Tanto Woolf e quanto Cunningham não escrevem suas narrativas em um vácuo; e muitas vezes, a nacionalidade e o motivo de escrita influenciam mais a narrativa do que o sexo do(a) escritor(a).

Partiu-se desse arcabouço teórico para refutar a classificação da obra escritas por mulheres como mais afetiva, para ressaltar a pluralidade de sua escrita, que se centra nos aspectos sócio histórico cultural. Ao fundamentar a metodologia de análise na literatura comparada e na crítica literária feminista, esta pesquisa buscou desconstruir estereótipos que estabelecem dicotomias entre obras escritas por mulheres e homens para centra-se no aspecto literário das obras de Woolf e Cunningham, examinando como as protagonistas Clarissa Dalloway em *Mrs. Dalloway* e Clarissa Vaughan em *As Horas* moldam suas subjetividades em busca de uma maior autonomia em cada contexto sócio, histórico e cultural.

#### 5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Publicadas com cerca setenta anos de diferença, uma em 1925 e a outra em 1998, as obras *Mrs Dalloway* e *As Horas* são constantemente comparadas por apresentarem semelhanças narrativas, uma vez que a última é uma remontagem da primeira. Mesmo com estas coincidências narrativas o que nos chama atenção é a forma como a construção de ambas personagens Clarissas<sup>1</sup> se dá ao longo das obras, isto porque seus contextos sócio-históricos e culturais as impactam de maneiras que divergem e convergente concomitantemente. Neste trabalho, foram analisadas as subjetividades de duas mulheres que se encontram em contextos sociais distintos, mas que possuem a mesma base de conflitos que determinam suas autonomias ao longo de sua vida. Partindo de um evento chave em comum, a festa que ambas planejam no dia relatado nas obras, podemos analisar como estas distinções impactam as personagens dentro de suas devidas esferas narrativas.

“Mrs Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores”. (WOOLF, p. 9, 2014)

“Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste gênero), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada prometendo voltar dentro de meia hora”. (CUNNINGHAM, p. 9, 1998)

Esta frase que abre a história escrita por Woolf e é reproduzida por Cunningham ao nos apresentar Mrs Vaughan, nos explicita como esta pequena ação diária molda as atitudes que serão narradas por ambas Clarissas ao longo do dia. “As situações cotidianas enfrentadas por essas personagens são aparentemente simples, mas são motivos para a revelação de questões sérias, subjacentes ao cotidiano ‘banal’, apresentado ao leitor”. (SILVA, p. 169, 2007). Desta forma, a o tempo é um dos aliados destas mulheres, uma vez que nos mostram como ações reproduzidas ao longo de um dia refletem em decisões e momentos que determinam traços de suas personalidades e que as ajudaram a moldar suas subjetividades bem como suas autonomias.

No caso de Mrs Dalloway, isto significa que ela teria uma independência que a permitiria fazer algo que ela mesma queria, o que vai contra todas as ações que tomaria em sua vida até o presente momento de narração, uma vez que na década de 20 a chamada primeira onda do feminismo<sup>2</sup> estava se formando na Europa. “Os anos vinte representam a luta de Woolf contra modelos e as formas repetitivas, e a procura da personificação da liberdade subjetiva através de ícones visuais, aprisionando-os na linguagem da narrativa”. (DUARTE, p. 144, 2006). Por ser pioneira na escrita de romances de fluxo de pensamento, Woolf apresenta personagens que vivem não apenas de acordo com as normas sociais vigentes, mas que

---

<sup>1</sup> Uso no plural por se referir a duas personagens com nomes iguais, mesmo que pertencentes a obras distintas

<sup>2</sup> Períodos históricos que se referem à militância do movimento feminista nos campos literário, cultural e político

apresentam personalidades que entram em choque com o que é regido pelo patriarcado, mostrando, assim, que as mulheres estavam ganhando mais espaço de fala, bem como direito de escolher o que melhor se encaixava em suas condições.

Na obra de Cunningham, a decisão tomada por Mrs Vaughan serve como um refúgio para organizar seus pensamentos devido aos diversos empecilhos que sua vida vem enfrentando, mesmo sendo uma mulher que vive na década de 90 ainda enfrenta diversas questões que a fazem refletir sobre como moldou sua vida ao longo dos anos.

Virginia Woolf sempre se posicionou em relação ao lugar das mulheres na literatura, como bem demonstra em seu livro *Um Teto Todo Seu* (2014), sofria de depressão e devido a este fator foi privada de total liberdade para agir da maneira como queria. No capítulo introdutório desta obra somos apresentados ao tema principal de uma palestra, ministrada em uma universidade britânica, bem como a alguns dados e devaneios da autora, desta forma, o tema mulheres na ficção acaba por perpassar a diferença nas escritas entre homens e mulheres e o tema torna-se mais amplo do que o título inicial da palestra. Assim, a autora expressa sua opinião, sobre mulheres na ficção, nas seguintes linhas: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.” (WOOLF, p. 12, 2014), por isso suas personagens sempre apresentam traços de subjetividades que se adaptam ao momento vivido para adquirirem autonomia, uma vez que a autora foi negligenciada neste quesito em virtude de sua condição depressiva.

É comum percebemos o reflexo de autores em suas obras e em seus personagens. Na obra *Mrs Dalloway* é notável como a personagem Clarissa e seu duplo Septimus expressam traços da personalidade de Woolf, como na passagem:

“O relógio começou a bater. O rapaz tinha se matado; mas não tinha pena dele; com o relógio batendo as horas, uma, duas, três, não tinha pena dele, com tudo isso em andamento. Pronto! A velha dama tinha apagado a luz! A casa toda estava agora às escuras com isso em andamento, repetiu, e lhe voltaram as palavras, ‘não temas mais o calor do sol’. Precisava voltar a eles. Mas que noite extraordinária! Sentiu-se de certa forma muito parecida com ele - com o rapaz que tinha se matado. Sentiu-se de certa forma muito parecida com ele - com o rapaz que tinha se matado. Sentiu-se alegre que tivesse feito aquilo se lançado com tudo enquanto eles continuavam a viver.” (WOOLF, p. 104, 2014)

Nesse trecho observamos que, Mrs Dalloway não vê problemas com o suicídio de Septimus, pois no fundo ela queria esta liberdade para determinar o que fazer com sua vida, assim como Woolf, sua personagem se vê presa a uma série de dogmas sociais que a sufocam e não permitem agir da forma como escolhe.

A segunda obra analisada, *As Horas*, é escrita por um homem, que se encontrava na Nova York da década de 90, ganhador do Prêmio Pulitzer e que se utilizou do cenário criado por Woolf para criar uma versão “atualizada” de sua personagem. Em sua obra *Tecnologias de Gênero*, Theresa DeLauretis ao tratar o gênero como o real e não apenas o efeito da representação, nos expõe a afirmação de que trabalhos escritos por homens sobre mulheres e o feminismo, não apoiam ou valorizam o projeto feminista em si dentro da academia, fazendo apenas pequenas menções ou trabalhos ocasionais. A autora argumenta que apenas negando a diferença sexual como componentes da subjetividade em mulheres reais é que os filósofos podem ver nas mulheres o futuro da humanidade. “Esse tipo de desconstrução do sujeito é efetivamente maneira de reter as mulheres na feminilidade (Mulher) e de reposicionar a subjetividade feminina dentro do sujeito masculino, seja lá como for definido” (de Lauretis, p. 236, 2019). O mesmo vale para a construção da personagem de Cunninham, uma vez que Clarissa é descrita como uma mulher forte, mas quando se encontra mediante homens é descrita como frágil como pode-se perceber na seguinte passagem:

“Dos três – Louis, Richard e Clarissa -, ela foi sempre a mais dura de coração e também a mais propensa para o romance. Suportou provocações e piadas a esse respeito durante mais de trinta anos e há muito tempo que decidiu ceder e saborear as suas próprias voluptuosas e indisciplinadas reações, que, como Richard dizia, têm tendência para ser tão insensíveis e adoráveis como as de uma criança precoce particularmente irritante.” (CUNNINGHAM, p. 10, 1998)

A análise deste trecho demonstra que a imagem de uma mulher frente a escrita de um homem se difere no que diz respeito a pequenos gestos que são utilizados pelo sexo feminino para criar um cenário seguro no qual sua autonomia não seja restringida. I(esclarecer elhor)

Um dos personagens, subjetivos, de ambas histórias, é o tempo. Não apenas o tempo cronológico, ou o tempo do relógio (o badalar o Big Bang, mencionado por Clarissa Dalloway), mas o tempo psicológico também, principalmente na obra de Woolf a qual é um romance de fluxo de pensamento. A respeito do tempo nestas obras, Petterle (2005) menciona que:

“Tanto *As Horas* quanto *Mrs Dalloway* são histórias que não só jogam com o tempo, mas que falam sobre ele. E o tempo não é qualquer coisa. É uma das grandes questões da contemporaneidade e, quiçá, de todas as épocas; daquelas que fazem titubear até os mais doutos”. (PETTERLE, p. 2, 2005)

Um dos pontos diferenciais das obras analisadas é o fato de ambas se passarem em apenas um dia na vida das personagens. Acompanhamos duas mulheres em duas cidades grandes, Londres e Nova Iorque, e em duas décadas distintas, 1920 e 1990. Contudo, mesmo o

tempo cronológico sendo de apenas um dia, o leitor tem a impressão de passar muito mais tempo com as personagens, uma vez que ambas falam de seus passados e seus desejos reprimidos pela época nas quais se encontravam.

“Muito melhor se fosse uma daquelas pessoas como Richard que faziam coisas pelas próprias coisas, enquanto ela, pensou esperando para atravessar, metade do tempo fazia as coisas não pura e simplesmente, não por elas mesmas, mas para que as pessoas pensassem nisso ou aquilo; idiotice total sabia ela (e então o guarda de trânsito ergueu a mão) pois nunca ninguém notava nem por um instante”. (WOOLF, p. 10, 2014)

“Ela sabe que um poeta como Richard percorreria rigorosamente esta manhã corrigindo-a, ignorando de igual modo fealdade casual e beleza casual, procurando a verdade econômica e histórica atrás destas velhas casas de tijolo urbanas, das austeras complexidades de pedra da igreja episcopal e do homem magro, de meia idade que passeia com seu terrierjack Russell (tornam-se de súbito onipresentes ao longo da Fifth Avenue estes pequenos cães truculentos de pernas cambaias), enquanto ela, Clarissa, se limita a fruir sem precisar de uma razão as casas, a igreja, o homem e o cão”. (CUNNINGHAM, p. 10, 1998)

A descrição dos locais pelos quais as personagens passam e o que observam, contribuem para nos lembrar que estamos lendo um relato de apenas um dia em suas vidas, entretanto os devaneios sobre o que as pessoas pensarão sobre suas ações ou o que um amigo faria de diferente na situação presente, levam o leitor a imaginar que as personagens estão descrevendo ações que ocorrem em mais dias de suas vidas.

Percebe-se que os fluxos de pensamentos são reutilizados em *As Horas* de modo a ser fiel a sua utilização do cenário de *Mrs Dalloway*, assim o tempo psicológico de ambas personagens pode ser interpretado como algo gravado na alma como memória, desta forma, este tempo psicológico pode contribuir com a formação e adaptação da autonomia das personagens à sociedade e contexto que estão inseridas. Virgínia Woolf e Marcel Proust inauguram os romances de fluxo de pensamento, no qual o curso do tempo se relaciona diretamente com as sensações e emoções das personagens, pois os pensamentos mudos amplificam o tempo narrado. “Segundo Ricour, a volta ao passado em *Mrs Dalloway* faz progredir o tempo narrado, retardando-o. No intervalo entre uma batida e outra do Big Bang, Clarissa e os outros personagens percorrem um longo e, de certa maneira, profundo caminho dentro de si.” (PETTERLE, p. 5, 2005), uma vez que o badalar do famoso relógio londrino, nos arremete ao fato de que estamos lendo sobre apenas um dia na vida destes personagens.

Woolf (2014), falando sobre o Big Bang, escreve que:

“Eram exatamente doze horas; doze pelo Big Bang; cuja badalada foi flutuando até toda a zona norte de Londres; fundiu-se às de outros relógios, mesclou-se leve e etérea com as nuvens e fiapos de fumaça e morreu lá longe entre as gaiotas – bateram as

doze enquanto Clarissa Dalloway estendia o vestido verde na cama e os Warren Smith desciam a Harley Street. Às doze era o horário da consulta deles. Provavelmente, pensou Rezia, era a casa de Sir William Bradshaw com o carro cinza na frente. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.)” (WOOLF, p. 55, 2014)

O Big Bang pode ser lido como um símbolo que faz lembrar os personagens que suas rotinas diárias devem ser seguidas, mesmo com as lembranças de épocas remotas de suas vidas vindo a todo momento a suas mentes. Desta maneira, mesmo devaneando sobre seus amores do passado com Peter Walsh, lembra-se que deve ir para a casa e ao brandir da décima segunda badalada do relógio já está estendendo o vestido que usará na festa a noite; concomitantemente Septimus Warren, um ex soldado da Primeira Guerra Mundial, está tendo alucinações sobre um amigo que viu morrer durante um bombardeiro, mas ao som da mesma badalada lembra-se que está se encaminhando para uma consulta com seu psiquiatra.

A leitura linear de *As Horas* nos apresenta uma “encarnação” de Clarissa Dalloway, uma vez que o tempo decorrido entre os anos 1920 e os anos 1990 marca várias transformações sociais e psicológicas em ambas Clarissas. “O tempo aparece como meio de rever as possibilidades em *Mrs Dalloway*, pois o que Cunningham faz, de certo modo, é, como num videocassete mágico, voltar no tempo para que Clarissa Dalloway pudesse refazer suas escolhas”. (PETTERLE, p. 7, 2005), desta maneira é possível traçar paralelos entre as personagens e comparar suas subjetividades que moldam suas autonomias.

Ambas personagens passam uma imagem de mulheres felizes no espaço público, porém em seu íntimo, principalmente quando estão sós, demonstram seus verdadeiros sentimentos.

“– Não temas mais – disse Clarissa [a empregada Lucy]. Não temas mais o calor do sol; pois o choque de Lady Bruton convidando Richard para almoçar sem ela fez estremecer o momento em que tinha se detido, como uma planta no leito do rio quando sente o choque de um remo ao passar e estremece: assim ela se abalou: assim ela estremeceu”. (WOOLF, p. 21, 2014)

“- Estou bem - responde Julia. - Estás com um aspecto maravilhoso! - diz-lhe Clarissa, num desespero jovial. Pelo menos está a ser generosa. Está a ser uma mãe que elogia a filha, lhe dá confiança, não se lamenta a respeito das suas próprias preocupações”. (CUNNINGHAM, p. 87, 1998)

Analisando ambas passagens, percebemos a necessidade de demonstrar que tudo está bem, ao dirigirem-se às pessoas (no caso de Mrs Dalloway à sua empregada e no caso de Mrs Vaughan à sua filha), mas suas inseguranças as tomam novamente quando recolhem-se a pensamentos que se ligam a necessidade de serem sempre mulheres ideais que não comentem erros e que condizem com os ditames da sociedade.

Esta maneira de se descrever se constrói uma vez que ambas descrevem a si mesmas, passando a ser a lente que se mostrará ao leitor.

“Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”. (BRAITH, p. 62, 1985)

Esta forma de construção nestas obras, que são classificadas como romances, nos possibilita enxergar além do que é apenas praticado nas ações visíveis das Clarissas, mas também nos é permitido visualizar seus pensamentos e emoções que não transparecem ao público, visto que estas precisam ser mulheres exemplares diante da sociedade, para isto acabam seguindo regras para a construção de uma imagem consolidada. Uma destas normas é a maternidade. Clarissa Dalloway, por ser uma mulher da alta sociedade londrina se propõe a maternidade para assim consolidar sua família como tradicional e coerente com os padrões sociais.

“É uma moça de ar esquisito, pensou de repente lembrando Elizabeth quando entrou na sala e ficou ao lado da mãe. Crescida; bem crescida, não propriamente bonita; mais para graciosa; e não deve ter mais de dezoito anos. Provavelmente não se dá bem com Clarissa. “Eis minha Elizabeth” – aquele tipo de coisa – por que não “Eis Elizabeth” simplesmente? – tentando fingir, como a maioria das mães, que as coisas são o que não são. Ela confia demais em seu encanto, pensou. Abusa dele”. (WOOLF, p. 35, 2014)

O relato acima nos aponta para uma observação feita por Peter Walsh, um velho conhecido de Mrs Dalloway, a respeito da relação entre mãe e filha exibida por Clarissa e Elizabeth Dalloway. Tal exposto não é errôneo uma vez que Elizabeth prefere passar mais tempo com seu pai e Miss Killman, sua tutora, do que com a mãe, pois a considera frívola e fútil, em contrapartida, Mrs Dalloway não sabe como se aproximar de sua filha e sente ciúmes da relação que esta possui com sua tutora. Desta maneira, percebe-se que a relação com a maternidade exibida pela personagem é apenas para cumprir com as regras do contexto sócio histórico e cultural no qual está inserida e não algo inerente a sua personalidade, por isso o uso do pronome minha ao referir-se a filha, uma vez que este, na visão de Mrs Dalloway, apresentaria um ambiente de maior proximidade e segurança com relação a sua filha.

No romance de Cunningham o tema da maternidade é abordado por Mrs Vaughan, a qual também ao lidar com sua filha Julia, que foi fruto de uma inseminação artificial apenas para satisfazer uma vontade pessoal de se mostrar uma mulher completa que pode realizar tudo em sua vida com sucesso. Assim, nota-se que há incerteza em relação ao seu papel materno na

vida de Julia, a qual busca a imagem de um pai e a encontra em Mary Krull, (uma amiga que apresenta um papel análogo ao de Mrs Killman na vida de Elizabeth Dalloway), pois Mrs Vaughan não consegue conciliar a maternidade com sua sexualidade, por exemplo.

“Costuma dizer com excessiva frequência a Julia: "Como estás?". É uma pergunta que faz movida, em parte, pelo nervosismo (como pode evitar ser formal com a filha, sentir-se um pouco ansiosa, depois de tudo o que aconteceu?) e, em parte também, porque quer, simplesmente, saber”. (CUNNINGHAM, p. 87, 1998)

A ansiedade e o nervosismo para falar com sua filha, nos arremete a um traço muito ressaltado na personalidade de Mrs Vaughan, a insegurança. Como na passagem mencionada, a personagem cria todo um devaneio sobre estar ou não sendo muito formal com a filha apenas por perguntar como está passando. Ao longo da obra percebemos também que esta insegurança é disseminada na sua relação amorosa com Sally, sua companheira, e com Richard, seu melhor amigo.

A maternidade forçada, imposta pela sociedade na qual viviam ou por uma vontade pessoal de se mostrar capaz de fazer tudo com maestria, é o que Elizabeth Badinter (1985) chama de masoquismo altruísta. Todavia, também é mais um traço da falta de autonomia em suas escolhas, visto que este ideal é definido com base em escolhas feitas. Flávia Biroli (2013) define autonomia como:

“Uma das questões que se colocam quando esse ideal é mobilizado é a fronteira entre o que está dentro dos limites da individualidade e diz respeito à vontade e ao arbítrio individuais, devendo ser assim garantido e respeitado para que se preserve a integridade dos indivíduos, e o que é a eles imposto ou, ainda, o que é feito da ausência de alternativas e/ou da impossibilidade de refletir suas escolhas”. (BIROLI, p. , 2013)

Ao basearem suas escolhas não apenas no sentem, mas principalmente nos contextos sócio históricos e culturais nos quais estão inseridas, as personagens passam a moldar uma autonomia pautada em pequenas ações que lhes dão a falsa sensação de liberdade para agirem como bem querem, podemos citar como exemplos o fato de irem comprar as flores ou a organização e realização de uma festa para amigos e familiares. Desta forma, Mrs Dalloway e Mrs Vaughan nos permitem uma comparação não apenas em relação a suas ações, mas a forma de pensar e idealizar uma vida na qual não se arrependem de nenhuma escolha feita.

Por viverem uma vida na qual cada passo é pensado minuciosamente de modo a não sofrerem críticas e permanecerem na posição de mulheres ideais, casamento com seus respectivos parceiros é alvo de frustrações e inseguranças. Mesmo com todas as “revoluções” já ocorridas, Mrs Vaughan ainda passa por angústias comprovando que o contexto continua



ditando regras na vida das mulheres. Mrs Dalloway é frustrada por não poder viver sua paixão por Sally, sua amiga e amor de juventude.

“Sally parou; colheu uma flor; deu-lhe um beijo na boca. O mundo inteiro podia virar de ponta-cabeça! Os outros desapareceram; ali estava ela sozinha com Sally. E sentiu que ganhara um presente, embrulhado, com a recomendação de guardá-lo assim, sem olhar o que era – um diamante, algo infinitamente precioso, embrulhado, que, enquanto caminhavam (de cá para lá, de lá para cá), ela abriu, ou o brilho se irradiou, a revelação, o sentimento religioso!” (WOOLF, p. 24, 2014)

Em contrapartida, na Nova Iorque do final dos anos 1990, Mrs Vaughan encontra-se em um relacionamento sério com sua parceira Sally, mas não é capaz de esquecer sua paixão por Richard, o qual assume sua homossexualidade após um verão passado com Clarissa e Louis:

“Aqui, aqui mesmo, nesta esquina, estivera parada com Richard quando ele tinha 19 anos, quando Richard era um rapaz não muito bonito, de feições firmes, olhos duros, cabelo escuro e um pescoço muito pálido e incrivelmente longo e gracioso -, aqui mesmo tinham discutido... a respeito de quê? Um beijo? Richard beijara-a, ou ela, Clarissa, convencera-se apenas de que ele ia beijá-la e esquivara-se.” (CUNNINGHAM, p. 31, 1998)

Em busca de manter sua estabilidade e posição social, Clarissa Dalloway prefere casar-se com Richard, um jovem promissor de uma família tradicional e prestes a se tornar advogado, do que enfrentar a sociedade londrina e viver sua paixão com sua amiga Sally, pois se fizesse isto perderia a imagem de uma mulher que atende aos requisitos das boas maneiras femininas, o que a priva de ser a própria ditadora das regras que sua vida deveria seguir. Setenta anos após a decisão de Mrs Dalloway, encontramos Clarissa Vaughan em Nova Iorque que prefere estabelecer-se com sua parceira Sally, pois esta já demonstrava sentimentos reais por Clarissa, ao invés de declarar seu amor por Richard, uma vez que este já havia demonstrado sua predileção por Louis, Clarissa Vaughan, para não abalar a imagem de mulher decidida demonstrando sua insegurança, opta por manter apenas a amizade com Richard.

O relacionamento com os eventos que poderiam ter acontecido, mas que não aconteceram por determinações de contextos, impede as personagens de determinarem suas escolhas de maneira concisa, assim suas subjetividades são moldadas de acordo com pequenas ações que são realizadas determinando escolhas que podem lhes dar o mínimo de liberdade, mas não uma liberdade total. O relacionamento conturbado e nada sincero com seus parceiros é outro ponto visível nos livros.

“Ao entrar no átrio com as flores, Clarissa encontra-se com Sally, que vai a sair. Por um momento - menos de um momento - vê-a como a veria se fossem desconhecidas. Sally é uma mulher pálida, de cabelo grisalho e rosto severo, impaciente, com menos cinco quilogramas do que deveria ter.” (CUNNINGHAM, p. 50, 1998)

“[...]para ser plenamente sincera, então, como Clarissa tinha feito aquilo? – se casado com Richard Dalloway? Um esportista que só gostava de cachorros. Literalmente, quando entrava na sala cheirava a estábulo. E agora tudo isso?” (WOOLF, p. 105. 2014)

O contexto no qual Mrs Dalloway e Mrs Vaughan viviam, mesmo que separadas por 70 anos, ditam normas para que estas mulheres se sentissem pertencentes a sociedade e que passassem a imagem de mulheres ideais deixando assim de ser mulheres reais lidando com seus embates internos, suas escolhas, emoções e subjetividades.

## 6. CONCLUSÃO

Comparar duas personagens similares de obras escritas por dois escritores não apenas de épocas distintas, mas também de sexos distintos nos mostra como as subjetividades e ações das mulheres são vistas. Mrs Dalloway é uma mulher de classe alta e que vive presa aos dogmas da sociedade londrina da década de 1920; Mrs Vaughan é uma produtora de uma grande revista de Nova Iorque que vive todas as inseguranças de ser uma mulher homossexual, mãe e ser bem-sucedida no mercado de trabalho. Assim, mesmo uma sendo lida como a reatualização da outra, os dilemas morais impostos pela sociedade são sentidos por ambas personagens.

O contraste entre as obras de Virginia Woolf e Michael Cunningham comprova como as mulheres moldam suas autonomias, independente da época em que se encontram, de forma a criarem maneiras de terem uma liberdade em suas ações, mesmo que ainda limitadas pelos ditames sociais. Desta forma, retomando os objetivos e discussão desta pesquisa, podemos concluir que a autonomia da mulher está diretamente ligada a seus contextos sócios históricos e culturais, bem como suas vertentes. Além disso, como são romances marcados por badalar de relógio e *flashbacks* da vida das personagens, pode-se afirmar que o tempo é um dos componentes que servem de análise para as condutas realizadas em âmbitos públicos e privados e como estes afetam diretamente a moralidade e a dicotomia entre comunicação e privacidade da vida de ambas personagens.

No caso das protagonistas analisadas, a insegurança, as discussões internas e a maneira como devem se apresentar socialmente, bem como suas relações matrimoniais e com a maternidade, nos mostra como cada ação realizada por elas é pensada minuciosamente de maneira a não deixarem que suas imagens sejam afetadas mediante a sociedade. Além disso, a

construção destes romances e a inauguração, por Virginia Woolf, do romance de fluxo de pensamento, demonstra como o acesso não apenas ao tempo cronológico, mas também ao tempo psicológico das personagens dão brechas ao leitor para perceber como a construção destas mulheres ao longo de suas vidas as influenciou na formação de uma personalidade que não as permite serem realmente livres para realizarem todas as ações e desejos que querem.

Mrs Dalloway e Mrs Vaughan surgem para nos mostrar como por mais que as personagens lutem por uma autonomia, ainda se encontram moldadas por uma sociedade sexista. Percebe-se que, mesmo com a diferença setenta anos entre a escrita e publicação das obras analisadas, a sociedade patriarcal ainda subjuga as mulheres a determinados papéis sociais mantendo-as à margem da sociedade. Desta forma, as lutas em prol dos direitos das mulheres, bem como o próprio movimento feminista, se fazem necessário para garantir a autonomia das mulheres na sociedade.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elizabeth. **O mito do amor materno**. As distorções entre o mito e a realidade. Cap. 3. 1985.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades**: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

BRAITH, Beth. **A personagem**. 2.a edição. São Paulo: Ática, 1985.

CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Porto: Público Comunicação Social S.A., 1998

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. de. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 121-156.

DUARTE, Maria de Deus. **A Story With a Twist**: Cunningham responde a Woolf – Mrs Dalloway e The Hours. Parte II. 141 – 154, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4225.pdf> Acesso em: 03/05/2018, às 17:45.

PETTERLE, Andiara. O tempo das horas-um ensaio sobre o tempo nas narrativas de Mrs.Dalloway e de As horas. **Caligrama** (São Paulo. Online), v. 1, n. 3, 2005. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56680>. Acesso em: 03/05/2018, às 18:03.

SILVA, Carlos Augusto Viana da. **Mrs. Dalloway e a reescritura de Virginia Woolf na literatura e no cinema**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11212/1/Tese%20Carlos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 03/05/2018, às 17:20.

WOOLF, Virginia. **Mrs Dalloway**. Tradução Mário Quintana; Apresentação Marília Gabriella. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.